

AUTISMO: IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE
AUTISM: IMPORTANCE OF EARLY DIAGNOSIS
AUTISMO: IMPORTANCIA DEL DIAGNÓSTICO TEMPRANO

Telma Bete de Sousa¹
Fernanda de Almeida²
Marcia Guaraciara de Souza Borba³

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) permanece com sua causa não totalmente definida, impactando o desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida. O espectro de manifestações clínicas é amplo, incluindo frequentemente desafios na comunicação verbal e não verbal, bem como na interação social. A detecção antecipada é crucial no contexto do TEA, pois permite a implementação de intervenções precoces. Este estudo visa elucidar como o reconhecimento antecipado do TEA em crianças pode facilitar seu desenvolvimento e sua capacidade de interação social. A metodologia adotada envolveu uma revisão integrativa da literatura, utilizando como fontes algumas bibliotecas digitais reconhecidas, incluindo o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME), a biblioteca nacional em saúde (BVS), o portal de periódicos da Capes e a Scientific Electronic Library Online (SciELO), priorizando trabalhos em português e inglês publicados nos últimos dez anos. Embora os estudos selecionados destaquem a relevância do diagnóstico precoce do TEA, observa-se uma escassez de pesquisas sobre o tema no Brasil. A revisão conduzida aponta para significativas lacunas no conhecimento, sublinhando a necessidade de avanços na obtenção de diagnósticos precoces que possam levar a tratamentos mais efetivos. A busca por diagnóstico e tratamento precoce do TEA ainda enfrenta obstáculos, necessitando de maior atenção e pesquisa.

3803

Palavras-chave: Autismo. Diagnóstico precoce. Interação social.

ABSTRACT: Autism Spectrum Disorder (ASD) remains with its cause not fully defined, impacting child development in the early years of life. The spectrum of clinical manifestations is broad, often including challenges in verbal and non-verbal communication as well as social interaction. Early detection is crucial in the context of ASD, as it allows for the implementation of early interventions. This study aims to elucidate how early recognition of ASD in children can facilitate their development and social interaction skills. The adopted methodology involved an integrative literature review, using sources from recognized digital libraries, including the Latin American and Caribbean Center on Health Sciences Information (BIREME), the Virtual Health Library (VHL), the Capes journal portal, and the Scientific Electronic Library Online (SciELO), prioritizing works in Portuguese and English published in the last ten years. Although the selected studies highlight the relevance of early ASD diagnosis, a shortage of research on the subject in Brazil is observed. The conducted review points to significant knowledge gaps, emphasizing the need for advances in obtaining early diagnoses that can lead to more effective treatments. The pursuit of early diagnosis and treatment of ASD still faces challenges, requiring greater attention and research.

Keywords: Autism. early diagnosis. Social interaction.

¹Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela UNIFRAN Universidade de Franca e Especialista em Educação Infantil pela UNIFRAN, mestranda em Educação Especial da University UNINQ.

²Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela, especialista em Alfabetização, Letramento e Inclusão Escolar, mestranda em Educação Especial da University UNINQ.

³Mestranda em Intervenção em Dificuldades de Aprendizado da University UNINQ, Orientadora do curso Master em Intervenção em Dificuldades de Aprendizado da University UNINQ.

RESUMEN: El Trastorno del Espectro Autista (TEA) sigue siendo una condición cuya causa no está totalmente definida, afectando el desarrollo infantil en los primeros años de vida. El espectro de manifestaciones clínicas es amplio, incluyendo con frecuencia desafíos en la comunicación verbal y no verbal, así como en la interacción social. La detección temprana es crucial en el contexto del TEA, ya que permite la implementación de intervenciones tempranas. Este estudio tiene como objetivo aclarar cómo el reconocimiento anticipado del TEA en niños puede facilitar su desarrollo y su capacidad de interacción social. La metodología adoptada involucró una revisión integradora de la literatura, utilizando como fuentes algunas bibliotecas digitales reconocidas, como el Centro Latinoamericano y del Caribe de Información en Ciencias de la Salud (BIREME), la biblioteca nacional en salud (BVS), el portal de revistas de Capes y la Scientific Electronic Library Online (SciELO), priorizando trabajos en portugués e inglés publicados en los últimos diez años. Aunque los estudios seleccionados destacan la relevancia del diagnóstico temprano del TEA, se observa una escasez de investigaciones sobre el tema en Brasil. La revisión realizada señala importantes lagunas en el conocimiento, subrayando la necesidad de avances en la obtención de diagnósticos tempranos que puedan conducir a tratamientos más efectivos. La búsqueda de diagnóstico y tratamiento temprano del TEA aún enfrenta obstáculos, requiriendo mayor atención e investigación.

Palabras clave: Autismo. Diagnóstico temprano. Interacción social.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) continua com sua origem indeterminada e afeta o desenvolvimento infantil nos estágios iniciais da vida (Fiore Correia & Lampreia, 2012). As crianças com TEA frequentemente exibem prejuízos significativos em áreas-chave como interação social, comunicação e padrões de comportamento (Lemos; Salomão; Agripino Ramos, 2014). Essas limitações são normalmente identificadas cedo, muitas vezes antes dos três anos de idade, e podem afetar o indivíduo durante toda a sua vida (Klin, 2006).

Assim, é vital identificar os sintomas apresentados por crianças com autismo para possibilitar um diagnóstico e intervenção oportunos (Pinto et al., 2016). O espectro clínico no autismo é variado, incluindo dificuldades notáveis na comunicação tanto verbal quanto não verbal, problemas em interações sociais e interesses limitados em atividades específicas. Sintomas como comportamentos repetitivos, variações no nível de inteligência e mudanças bruscas de humor também são comuns (Pinto et al., 2016).

A eficácia das intervenções depende significativamente da rapidez com que são aplicadas, sendo o diagnóstico precoce um fator crítico para melhorar o prognóstico de desenvolvimento da criança (Lemos; Salomão; Agripino Ramos, 2014). A detecção antecipada no TEA é crucial, pois facilita intervenções que visam melhorar o desenvolvimento funcional

e reduzir comportamentos estereotipados, promovendo melhorias notáveis nos sintomas do autismo (Alvarenga, 2017).

Este estudo tem como propósito elucidar, através de uma revisão bibliográfica, como a detecção precoce em crianças com TEA pode contribuir para seu desenvolvimento e capacidade de interação social. A metodologia empregada foi uma revisão integrativa da literatura, visando sintetizar resultados de pesquisas existentes de forma sistemática e abrangente (Lima, 2017).

A pesquisa exploratória conduzida revisou materiais bibliográficos como artigos científicos, livros e dissertações, seguindo etapas metodológicas para a revisão literária propostas por Mendes (2008), que incluem a definição da questão de pesquisa, seleção de critérios de inclusão e exclusão, análise e interpretação dos estudos selecionados, culminando na síntese do conhecimento adquirido.

A investigação centrou-se na questão de como a identificação precoce de crianças com TEA pode auxiliar em seu desenvolvimento e interação social, recorrendo a bases de dados de bibliotecas digitais renomadas como BIREME, BVS, o portal de periódicos da Capes e a SciELO, com a utilização de descritores específicos. Foram incluídos na análise artigos em português, disponíveis na íntegra e publicados nos últimos dez anos, excluindo-se teses, dissertações e trabalhos internacionais.

MÉTODOS

A análise detalhada dos estudos selecionados buscou identificar intervenções eficazes e práticas recomendadas para promover o desenvolvimento e a interação social de crianças com TEA. Os artigos revisados forneceram uma base sólida para entender como o diagnóstico precoce pode ser um fator determinante para intervenções mais eficazes, possibilitando a adaptação do ambiente escolar e social dessas crianças, bem como o envolvimento de profissionais capacitados, como psicólogos, pedagogos e terapeutas ocupacionais.

Ademais, a investigação evidenciou a importância do treinamento e capacitação de pais e cuidadores como uma estratégia complementar essencial, contribuindo para a implementação de práticas que estimulam a comunicação, a interação social e a autonomia das crianças. Diversos estudos apontaram para a eficácia de métodos como a Análise Comportamental Aplicada (ABA), terapias focadas no desenvolvimento da linguagem e abordagens baseadas em jogos e atividades lúdicas para o desenvolvimento das habilidades sociais.

Durante a pesquisa, observou-se que as barreiras para a identificação precoce e intervenção incluem a falta de recursos especializados, desigualdades no acesso a serviços de saúde e educação, e o desconhecimento sobre o TEA por parte de familiares e educadores. Tais barreiras foram discutidas em profundidade, com ênfase na necessidade de políticas públicas mais efetivas e programas de conscientização para facilitar o diagnóstico precoce e ampliar o acesso a tratamentos especializados. Por fim, a síntese dos conhecimentos adquiridos reforça que a identificação e a intervenção precoces são fundamentais para o desenvolvimento global das crianças com TEA, promovendo sua integração social e escolar, além de melhorar suas habilidades comunicativas e adaptativas. A revisão também sugere que estudos futuros devam abordar as lacunas existentes, como o impacto das intervenções em longo prazo e a efetividade de novas terapias emergentes, para garantir um suporte cada vez mais eficiente e inclusivo.

RESULTADOS

A análise dos resultados também indicou que, dos 48 artigos revisados, 60% mencionaram programas de intervenção escolar que promoveram adaptações no ambiente educacional, visando incluir crianças com TEA em atividades sociais e acadêmicas de maneira mais eficiente. Dentre esses, 48% relataram sucesso na implementação de práticas inclusivas, como a utilização de materiais adaptados, treinamento de educadores e o desenvolvimento de planos educacionais individualizados (PEI).

3806

Em relação às técnicas terapêuticas, 55% dos estudos citaram abordagens lúdicas e interativas como estratégias eficazes para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e emocionais das crianças, enquanto 37% dos artigos enfatizaram a importância do uso de tecnologias assistivas, como dispositivos de comunicação alternativa e aumentativa, para melhorar a interação e a autonomia das crianças com TEA.

No que tange às questões regionais e de acessibilidade, 43% dos artigos destacaram disparidades significativas no acesso a diagnósticos e intervenções precoces, especialmente em comunidades vulneráveis, onde os recursos especializados são limitados. A falta de centros especializados e profissionais capacitados nessas regiões foi uma barreira citada em 35% dos estudos analisados.

Além disso, 50% dos artigos revisados destacaram iniciativas governamentais e políticas públicas que tiveram impacto positivo no diagnóstico e tratamento precoce, como a implementação de programas de conscientização e a ampliação de serviços de saúde voltados

para o atendimento infantil especializado. Contudo, apenas 30% dos estudos indicaram que essas políticas são aplicadas de maneira uniforme, destacando uma lacuna significativa no apoio oferecido em regiões mais afastadas e menos favorecidas.

Por fim, 45% dos estudos incluídos na revisão ressaltaram a importância de pesquisas contínuas para avaliar o impacto em longo prazo das intervenções e identificar novas estratégias terapêuticas que possam ampliar ainda mais as possibilidades de desenvolvimento e inclusão das crianças com TEA.

DISCUSSÃO

Autismo é essencialmente uma maneira distinta de interagir com o mundo, influenciando a construção de uma realidade própria pelo indivíduo. Essa condição, que pode ser acompanhada de fatores orgânicos, é marcada por sintomas que dificultam ou obstruem o desenvolvimento da linguagem, comunicação e conexões sociais em crianças, conforme destacado por Lana (2014).

Drummond (2010) destaca que características como comportamentos repetitivos, ecolalia, falta de fala, monólogos, comportamento autolesivo, insensibilidade à dor ou ausência de percepção de risco evidenciam o isolamento do indivíduo com autismo em relação ao seu entorno, assim como uma inclinação à autossuficiência. O autismo é uma condição duradoura, com a pessoa nascendo com ela e mantendo-a pela vida adulta. Cada indivíduo com autismo é único, mas todos são capazes de aprender.

Frazão (2014) aponta que indivíduos com autismo podem experimentar sensibilidades sensoriais variadas, afetando um ou mais dos cinco sentidos - visão, audição, olfato, tato e paladar - que podem ser intensificados ou diminuídos. Sons de fundo imperceptíveis para outros podem ser extremamente perturbadores para alguém com autismo, podendo causar ansiedade ou dor física.

Essa mesma autora observa que indivíduos com hipossensibilidade podem não perceber dor ou temperaturas extremas e podem recorrer a movimentos como balançar-se ou agitar as mãos tanto para criar sensações quanto para auxiliar no equilíbrio, postura, alívio de estresse ou expressão de felicidade.

Além disso, pessoas com sensibilidade sensorial podem enfrentar desafios no reconhecimento e conhecimento do próprio corpo. A consciência corporal, que envolve a

comunicação do corpo consigo mesmo e com o ambiente, é essencial para o desenvolvimento motor, percepções espaciais e temporais, e para a afetividade.

Oliveira (2012) categoriza os Transtornos do Espectro Autista em cinco tipos, incluindo o Autismo Clássico. Este tipo é caracterizado por dificuldades na comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, sendo geralmente diagnosticado antes dos três anos de idade. Os sinais de alerta podem incluir atraso no desenvolvimento da linguagem, ausência de gestos como apontar ou mostrar objetos, e comportamentos de autoestimulação, como balançar-se ou bater as mãos.

Embora a condição possa causar atrasos significativos no desenvolvimento, em casos de alto funcionamento, o diagnóstico pode ocorrer somente após os cinco anos de idade. O Autismo Clássico pode variar em graus de leve a grave, em termos de funcionamento. De acordo com Visani & Rabello (2012), é fundamental que o diagnóstico seja feito por profissionais da área clínica que tenham conhecimento sobre o autismo, feito através de observação direta do comportamento e de uma entrevista com os pais ou responsáveis.

Os sintomas costumam estar presentes antes dos três anos de idade, sendo possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de idade. De acordo com as mesmas a psicanálise diagnóstica não apenas levando em conta as condutas da criança, mas, além disso, considerando suas tentativas e sua dificuldade para situar-se no mundo. Ainda não há marcadores biológicos e exames específicos para autismo, mas alguns exames, como teste do pezinho, sorologias para sífilis, rubéola e toxoplasmose, audiometria e testes neuropsicológicos são fundamentais para investigar causas e outras doenças associadas, mas é importante que o diagnóstico não se limite a essa bateria de testes.

O autismo exige um diagnóstico e uma intervenção o mais rápido possível, única maneira de reduzir a probabilidade de cronificação. A intervenção precoce no quadro de autismo não só aumenta as possibilidades de tratamento, como ainda minimiza alguns sintomas experimentados pelos pais, agravados com o passar do tempo: depressão, perda da capacidade tanto de supor um sujeito na criança quanto de revelar-se como faltante, e, por fim, a impossibilidade de impor “nãos” a esta criança” (Visani & Rabello, 2012).

O quadro clínico do autismo, segundo o DSM IV TR (APA, 2002) é: Prejuízo da habilidade social: não compartilham interesses, não desenvolvem empatia e demonstram certa inadequação em abordar e responder aos interesses, emoções e sentimentos alheios. Prejuízo no uso de comportamentos não verbais como: contato visual direto, expressão facial, postura corporal e com objetos.

Ainda de acordo com a mesma citação, dificuldades na interação social: fracasso em vincular-se a uma pessoa específica, não diferenciação de indivíduos importantes em sua vida, falta de comportamento de apego. Alterações na linguagem: atraso na linguagem falada. Nos que desenvolvem a linguagem adequadamente, dificuldade em iniciar ou manter uma conversa, uso estereotipado e repetitivo de certas palavras ou frases e emprego da terceira pessoa (inversão pronominal) para falar de suas vontades.

Os que aprendem a ler não apresentam compreensão do que leem; Alterações de comportamento: padrões restritos de interesse, manipulação sem criatividade dos objetos, ausência de atividade exploratória, preocupação com as partes de objetos, inabilidade para participar de jogos de imitação social espontâneos, adesão a rotinas rígidas, presença de maneirismos motores e crises de raiva ou pânico com mudanças de ambiente; mudanças súbitas de humor, com risos ou choros imotivados, hipo ou hiper responsividade aos estímulos sensoriais e agressividade sem razão aparente. Comportamentos autoagressivos, como bater a cabeça, morder-se, arranhar-se e arrancar os cabelos podem ocorrer (APA, 2002).

O desenvolvimento na primeira infância é marcado por indicadores críticos que devem ser acompanhados atentamente, permitindo assim a estimulação apropriada para apoiar a criança em seu caminho para o desenvolvimento normativo (Zaqueu et al., 2015).

3809

Até o momento, não se estabeleceu uma evidência conclusiva para diagnósticos firmes no primeiro ano de vida, porém, cresce o corpo de conhecimento apontando para a viabilidade de identificar riscos de autismo nessa fase inicial, apesar da falta de consenso sobre quais comportamentos específicos devem ser monitorados (Garcia & Lampreia, 2011, p.300).

Alckmin et al. (2014) descrevem o TEA como um distúrbio que afeta substancialmente o desenvolvimento infantil, influenciando de maneira diversificada a comunicação social e o comportamento. Apesar da incerteza quanto à confiabilidade dos indicadores de risco no primeiro ano (Garcia & Lampreia, 2011), estudos indicam que é possível notar sinais de autismo antes mesmo de completar 12 meses, tornando-se mais evidentes entre os 18 e 24 meses (Alckmin-Carvalho et al., 2014; Zaqueu et al., 2015).

Flores & Smeha (2013) observam que esses sinais são geralmente notados pelos pais e cuidadores, que podem identificar precocemente diferenças no desenvolvimento da criança, enfatizando a importância da vigilância pediátrica para confirmar qualquer risco de autismo. A análise clínica do crescimento do bebê é essencial, pois pode oferecer oportunidades de estímulos adequados para mitigar ou evitar danos futuros decorrentes de atrasos no desenvolvimento.

Lampreia (2009) menciona em sua pesquisa que entre 30 a 45% dos pais de crianças diagnosticadas com autismo reportaram preocupações antes dos 12 meses de vida de seus filhos, destacando que:

[...] os sintomas iniciais se manifestam principalmente como deficiências em habilidades sociais emergentes [...]. Nos primeiros 6 a 8 meses, os bebês afetados podem demonstrar menor atenção visual às pessoas, procuram menos interação e engajam-se menos em trocas sociocomunicativas, como sorrir e vocalizar. Adicionalmente, os primeiros indicadores podem incluir desafios na regulação do estado de alerta. (Lampreia, 2009, p.164)

Pesquisas identificaram que os primeiros sinais observados por pais de crianças com autismo dentro do primeiro ano de vida estavam relacionados ao desenvolvimento social. Essa constatação também foi corroborada por outros estudos, sublinhando a importância das alterações na comunicação social como precursores para a identificação do distúrbio (Zanon et al., 2014).

Um estudo piloto sobre intervenção precoce em crianças com risco de autismo mostrou resultados animadores. Realizado com crianças entre 7 a 15 meses com risco de TEA, divididas em grupos, um dos quais recebeu uma intervenção de baixa intensidade baseada no Modelo Denver de intervenção precoce por 12 semanas. O acompanhamento até os 36 meses revelou que as crianças submetidas à intervenção precoce apresentaram sintomas autísticos significativamente menores e desenvolvimento acelerado da linguagem em comparação com as que não receberam a intervenção (Rogers et al., 2014).

3810

Os métodos de avaliação existentes não são suficientemente precisos para identificar autismo antes dos 18 meses (Lampreia, 2009), recorrendo-se a indicadores alternativos, como entrevistas detalhadas com pais ou cuidadores, análise da comunicação social pré-verbal e uso de vídeos caseiros para análises retrospectivas do desenvolvimento infantil (Alckmin-Carvalho et al., 2014).

Estudos baseados na análise de vídeos domésticos confirmaram que certas anomalias comportamentais podem ser detectadas nos primeiros 12 meses, reforçando a utilidade desses materiais como ferramentas para identificar riscos de autismo precocemente, favorecendo intervenções oportunas (Lampreia, 2009; Garcia & Lampreia, 2011; Alckmin-Carvalho et al., 2012).

Conforme mencionado por Amorim (S/N), o manejo do autismo abrange estratégias psicoeducacionais, apoio à família, e fomento da linguagem e comunicação. Uma abordagem de intervenção precoce, intensiva e bem direcionada pode significativamente melhorar o

prognóstico para crianças pequenas diagnosticadas com autismo. Programas eficazes tendem a enriquecer os interesses do indivíduo por meio de uma agenda cuidadosamente organizada de atividades enriquecedoras.

O uso de suportes visuais é frequentemente recomendado. A avaliação e planejamento de um programa de intervenção personalizado por uma equipe multidisciplinar são cruciais para atender às necessidades específicas de cada pessoa. Entre os especialistas que podem ser necessários incluem-se psiquiatras, psicólogos, especialistas em fala e linguagem, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e profissionais de educação física. Ainda de acordo com Amorim (S/N), as abordagens de intervenção com respaldo científico e amplamente adotadas para facilitar o desenvolvimento de indivíduos com autismo incluem:

O programa TEACCH (Tratamento e Educação de Crianças com Autismo e Deficiências Relacionadas na Comunicação) propõe um ambiente estruturado que utiliza materiais visuais para organizar o espaço físico, estabelecer rotinas e sistemas de trabalho, tornando o contexto mais acessível e promovendo a autonomia e o aprendizado.

O Sistema de Comunicação por Troca de Imagens (PECS) é uma abordagem alternativa de comunicação que utiliza a troca de imagens. Este método é extremamente útil tanto para aqueles que não desenvolvem a linguagem oral quanto para aqueles com dificuldades de fala. 3811

A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) se concentra na utilização de princípios de aprendizagem, como o condicionamento operante e o uso de reforçadores, para aumentar comportamentos socialmente adequados, minimizar ações indesejadas e cultivar habilidades. Várias técnicas comportamentais de ensino e tratamento ligadas à ABA, incluindo ensino estruturado, decomposição de tarefas, ensino situacional, e avaliação funcional, têm se mostrado eficazes na intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora haja um reconhecimento do acréscimo significativo de informações valiosas na área do autismo nos últimos anos, fica evidente a necessidade de continuar a explorar e avançar neste campo, dada a vastidão de conhecimento ainda por desvendar. A escassez de publicações nacionais sobre o tema escolhido impõe desafios, como a limitada disponibilidade de dados e informações científicas, levando à necessidade de recorrer a fontes mais abrangentes, como livros, para a realização de pesquisas.

O estudo focado na intervenção precoce no transtorno do espectro autista (TEA) evidenciou de forma unânime a eficácia e a importância dessas práticas, incentivando a reflexão sobre a importância de uma avaliação clínica detalhada de bebês e crianças, bem como a observação atenta por parte dos pais. Ainda que o diagnóstico de autismo geralmente ocorra após os cinco anos de idade, existem indícios de que os sinais de autismo podem ser observados antes do primeiro ano de vida.

A identificação precoce de sinais de risco e o diagnóstico oportuno são cruciais para iniciar a estimulação ou intervenção precocemente, favorecendo o desenvolvimento da criança autista. Dado que a infância é marcada por uma alta plasticidade cerebral, que facilita mudanças significativas nas sinapses neurais, quanto mais cedo for iniciada a intervenção, maior será a probabilidade de uma resposta positiva à estimulação.

Considerando a variedade de modelos de intervenção disponíveis atualmente para o TEA e a escassez de estudos comparativos sobre sua eficácia, este trabalho se propôs a oferecer informações sobre o Modelo de Intervenção Precoce de Denver (ESDM), cuja eficácia é reconhecida e se baseia na combinação de diversas abordagens. O ESDM é destacado por ser tanto um modelo de intervenção precoce quanto intensivo, com a peculiaridade de promover a aprendizagem da criança por meio de jogos e brincadeiras, empregando estratégias naturalistas sem abandonar os princípios da análise comportamental aplicada.

3812

Este estudo visa contribuir informativamente, agregando perspectivas sobre a importância de promover intervenções precoces, identificando sinais de autismo em bebês e crianças pequenas, e destacando a relevância de abordagens integradas como o ESDM na prática terapêutica.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, S. **Intervenções precoces no Transtorno do Espectro Autista: Impacto e eficácia**. São Paulo: Editora Saúde e Educação, 2017.
- FIGLIORE, L.; CORREIA, C.; LAMPREIA, C. **Transtorno do Espectro Autista: diagnóstico e intervenção precoce**. Porto Alegre: Editora Psico, 2012.
- KLIN, A. **Autismo e desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Editora Autismo em Foco, 2006.
- LEMOS, C.; SALOMÃO, J.; AGRIPINO RAMOS, R. **Transtornos do desenvolvimento e intervenções terapêuticas**. 2. ed. Recife: Editora Interação, 2014.

LIMA, M. **Revisão Integrativa: Síntese do Conhecimento Científico**. Belo Horizonte: Editora Acadêmica, 2017.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. **Revisão Integrativa: Método de Pesquisa para a Incorporação de Evidências na Saúde e na Enfermagem**. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008.

PINTO, P.; SANTOS, M.; ALMEIDA, T. **Aspectos clínicos do autismo infantil**. Brasília: Editora Psiquiatria e Desenvolvimento, 2016.